

Balanço Econômico 2019/20

Avaliação do setor de borracha do
Rio Grande do Sul - Revisão

dezembro de 2019

Igor Moraes

1. *Sumário Executivo*

2. *A economia brasileira em 2019*

3. *O setor de borracha no contexto nacional*

4. *O Rio Grande do Sul em 2019*

5. *O setor de borracha gaúcho*

6. *Perspectivas 2019-20*

1. SUMÁRIO EXECUTIVO

O cenário econômico brasileiro em 2019 teve melhora significativa a partir da aprovação da Reforma da Previdência, com aumento das expectativas de empresários e investimentos e maior gasto das famílias em um ambiente de inflação e juros menores. Os **sinais de que a economia teve uma retomada** são nítidos em indicadores do mercado de trabalho, crédito, confiança e da atividade de alguns segmentos produtivos, em especial a construção civil.

Esse ambiente mais positivo para o Brasil ocorre concomitante ao processo de desaceleração econômica mais intenso na **Europa**, puxado pela Alemanha que vê seu setor industrial reduzir de forma significativa a produção e, em menor magnitude, na China. Essa teve, como vetor de desaceleração, as exportações industriais que contribuíram para trazer a atividade do setor para uma taxa de crescimento em torno de 5%. Apesar dos números menores, a expectativa de **crescimento da China** gira em torno de 6% para 2019 com ligeira desaceleração para 5% até 2022. Destaca-se que esse cenário não oferece riscos para a economia internacional pois a China já tem um PIB que está quase da mesma magnitude dos EUA.

Para 2020 mantemos a visão de que os maiores **riscos para o Brasil** estariam relacionados a:

- i) Acirramento da Guerra Comercial entre EUA e China;
- ii) Intensidade da crise na Argentina;
- iii) Velocidade da desaceleração da Europa;
- iv) o processo eleitoral para Presidente nos EUA;
- v) Brexit.

No caso do **Rio Grande do Sul** notamos o fim do ciclo de expansão pós crise de 2014-2017 e que está sendo puxado pelo setor industrial. Apesar desse cenário mais desafiador para a economia do

Estado, em 2019 o Estado pode crescer mais que a média do Brasil, mas isso não deve se verificar em 2020. Os fatores de *risco para a economia gaúcha* ao longo de 2020 seriam:

- i) problemas econômicos na Argentina, agora com mais intensidade do que verificado em 2019;
- ii) cenário de risco Brasil, mas em menor magnitude devido a melhora das condições políticas e econômicas internas;
- iii) limitações fiscais do Governo do Estado, que devem continuar sendo um fator limitante ao crescimento durante alguns anos ainda.

2.A ECONOMIA BRASILEIRA EM 2019

O ganho de confiança dos agentes econômicos **após a eleição para presidente** de 2018 durou apenas até fevereiro, quando ficou claro que não seria fácil para o Governo aprovar as Reformas prometidas, ainda mais que a composição dos Ministérios e a formatação de propostas no campo da economia demoraram para sair.

Porém, o terceiro trimestre representou uma mudança importante. Na sequência da aprovação da Reforma da Previdência veio a melhora dos indicadores econômicos, das expectativas de empresários e consumidores e, mesmo diante do cenário internacional mais incerto, os investimentos privados alavancados, principalmente, pelo setor de construção civil. Esse ambiente mais propício pode ser comprovado com os resultados do PIB, divulgados no início de dezembro e que iremos avaliar nos tópicos abaixo.

PIB

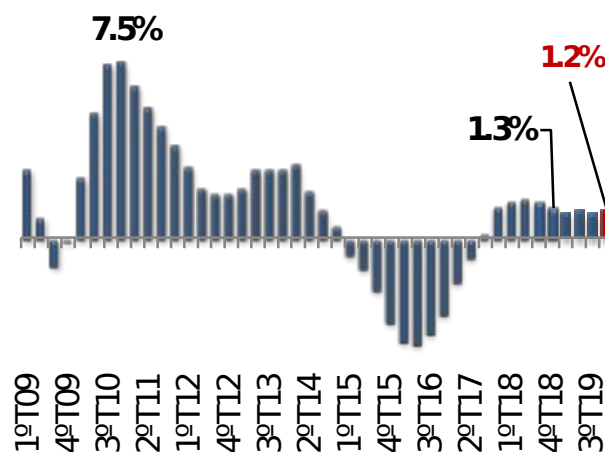
Após a mais longa e intensa recessão que o Brasil já experimentou na história contemporânea, a recuperação da economia se mostrou bem tímida com o PIB chegando a atingir apenas os 1,3% de crescimento em 12 meses e logo arrefecendo. Vale destacar que boa **parte dessa recuperação** se deveu apenas ao efeito estatístico, e que estava relacionado a uma base de comparação bem baixa.

Os dados mais recentes, relativos ao PIB do 3º trimestre sobre o 2º trimestre revelou um cenário mais otimista e, apesar de em 12 meses o resultado ainda estar perto dos 1,2%, o fato é que a composição desse crescimento atual deixa antever um processo de recuperação que se mostra mais disseminado e consolidado no setor privado, em especial investimentos e gastos das famílias. O gráfico a seguir mostra essa evolução do PIB total acumulado em 12 meses desde o

momento pré crise em 2014, até a última divulgação no início de dezembro de 2019 e que também contempla uma previsão para o ano.

PIB do Brasil

(var % acumulado em 12 meses)



Fonte: IBGE

Um componente da demanda que continua forte, desde o final da recessão, é o consumo das famílias. Na análise em 12 meses esse aumentou 1,7% e deve encerrar o ano com expansão perto de 1,8%. Três fatores contribuíram para impulsionar esse consumo:

- i) **A inflação baixa** - o principal índice de preços utilizado no Brasil para efeitos de Política Monetária e também para reajuste de contratos é o IPCA e, desde 2018 que o mesmo vem apresentando variação baixa, contribuindo para manter o poder de compra da população e, ao mesmo tempo, abrindo espaço para a redução dos juros;
- ii) **expansão do crédito** - a queda dos juros e da inadimplência contribuíram para alavancar o crédito no Brasil nos últimos 12 meses a taxas de dois dígitos, com destaque para o crédito livre e alocado para pessoas físicas;
- iii) **Relativa melhora no mercado de trabalho** - apesar da taxa de desemprego cair de forma lenta, essa

tem sido importante para criar uma massa de salários nas famílias, com destaque para o emprego informal. Os dados sinalizam estabilidade no total de trabalhadores empregados com carteira de trabalho assinada, bem como na renda real. Porém, dentre os que não possuem carteira de trabalho assinada e trabalham por conta própria sem CNPJ, a evolução da ocupação e também do salário real tem sido mais significativa.

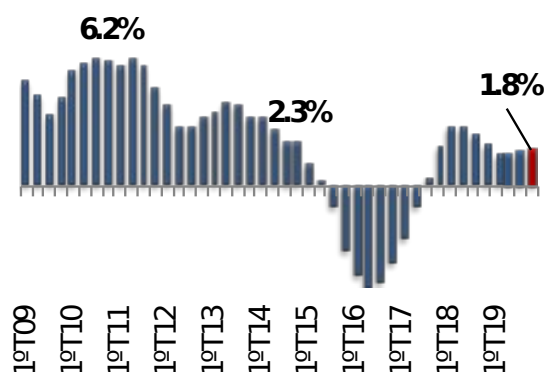
Por outro lado, um outro componente importante da demanda é o consumo do Governo e que vem caindo desde o final de 2014. Essa retração já era esperada em um movimento de ajuste das contas em todas as esferas da administração pública (Federal, Estadual e Municipal) após anos de excessivos gastos que produziram enorme desequilíbrio fiscal. Assim é que dizemos que **“dessa vez é diferente”**.

O motivo para tal afirmação é que, de forma distinta do que presenciamos em outras crises no Brasil, e também como ocorre em outros países, o Governo não tinha instrumentos que pudessem ser usados para amenizar os impactos negativos da recessão como, por exemplo, aumentar os gastos com seguro desemprego, incentivar o consumo via redução de impostos ou programas específicos. Os anos de elevado gasto (entre 2005-2014) eliminaram a capacidade fiscal dos Governos para enfrentar a atual crise.

O que se viu desde então foram sucessivos trimestres de queda do PIB do Governo, interrompidos por poucos momentos de elevação. De forma ampla, a previsão para o ano é que o PIB do Governo tenha uma retração de 0,7% em 2019 e ainda há diversos municípios e Estados que **estão em grandes dificuldades**, bem como na esfera Federal, onde o déficit projetado vai para o quinto ano consecutivo. Todo esse cenário nos leva a crer que durante boa parte de 2020 ainda teremos novas contrações do gasto por parte do Setor Público.

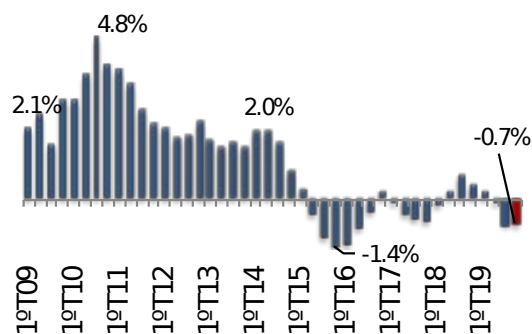
Consumo das Famílias

(Var. % em 12 meses)



Consumo do Governo

(var.% em 12 meses)

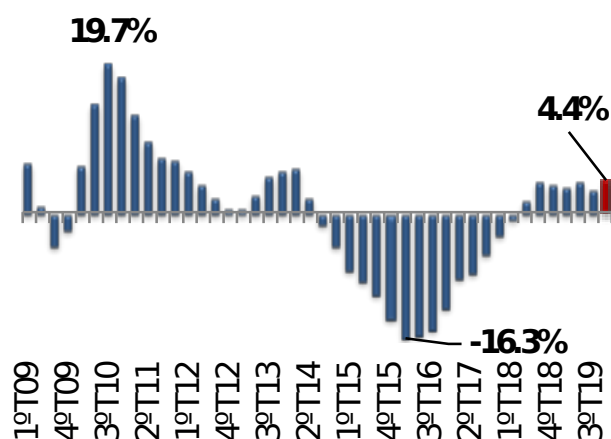


Fonte: IBGE

A boa notícia é que com a redução das intervenções do Governo na economia, abre-se espaço para o setor privado alocar capital. Esse movimento já vem sendo notado com a melhora do investimento em uma conjunção de **juros baixo e maior confiança na economia**, tanto quanto medido no cenário atual quanto em relação as expectativas. As previsões apontam, como mostra o gráfico abaixo, para um crescimento do investimento de 4,4%. Esse ainda pode ser considerado uma expansão baixa, mas é a maior desde 2013, e também um patamar muito pequeno em relação ao PIB de 18%. Destaca-se que, para ser compatível com um crescimento da economia em torno de 3%, devemos elevar essa taxa de investimentos para próximo a 20%.

Investimento

(var % acumulado em 12 meses)



Fonte: IBGE

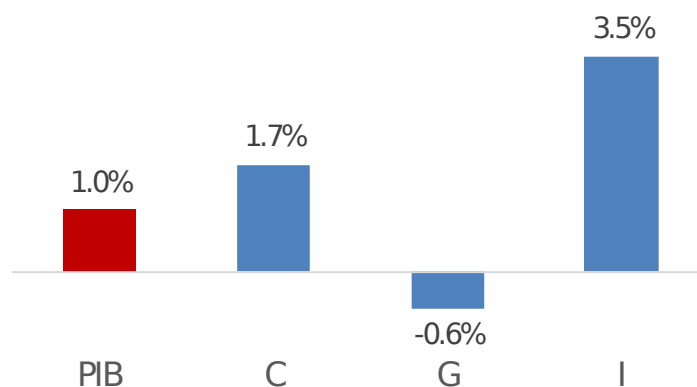
Tal resultado não é difícil de ser atingido ainda em 2020 com os projetos de privatizações e concessões que estão em andamento, bem como a expectativa de inflação baixa, que deve manter juros nominais baixos e, com isso, reduzir o prêmio de risco para investimentos no país.

Em resumo, os resultados apontados para o PIB do 3º trimestre foram tão positivos que fizeram todas as instituições financeiras e analistas de mercado reverem, para cima, as projeções para 2019 e 2020, tornando factível atingir uma taxa de 1,1% a 1,2% nesse ano. Um exercício simples de estimativa do chamado efeito carregamento, que é o cálculo de como poderia ser o encerramento do ano se no 4º trimestre a taxa de crescimento fosse de 0%, ou seja, a economia produzisse no último trimestre do ano exatamente o que produziu no 3º trimestre, aponta que o PIB seria de 1%. O destaque, nesse caso, é o crescimento dos investimentos, cerca de três vezes maior que o PIB geral. Também com contribuição significativa estaria o consumo das famílias, com 1,7%. O setor externo, medido pela diferença entre exportações e importações, foi considerado como contribuição nula e, por fim, como apontado antes, o componente que está puxando a economia para baixo seria o Governo, com uma queda de 0,6% pelo efeito carregamento.

PIB - efeito carregamento

(var % acumulada em 2019)

Balço Econômico 2019/20



Fonte: IBGE

Agropecuária

O último levantamento da previsão da safra de grãos do Brasil, feito pela Conab, apontava uma expansão de 0,2% a 1,8% no total produzido entre 2020 e 2019. Essa estimativa considerava tanto a **safra de verão quanto** a de inverno e representa entre 550 mil toneladas e 4,2 milhões de toneladas adicionais. O resultado pode parecer tímido, mas vale destacar que o total de grãos produzidos no Brasil encontra-se em um patamar elevado, de 242 milhões de toneladas.

A **safra de soja** em 2019 foi de 115 milhões de toneladas e a de milho de 100 milhões. Para a safra de 2020 a previsão é que a soja tenha um aumento de 0,4% a 5% podendo chegar a 120 milhões de toneladas, ao passo que a produção de milho deve ficar estável ou ter uma leve queda de 1,7%. Essas são as duas culturas que explicam praticamente todo o movimento de grãos no Brasil. A terceira mais importante, o arroz, com 10 milhões de toneladas, deve ter produção praticamente estável entre as safras de 2019 e 2020.

Na **pecuária** os resultados apontam para a continuidade do aumento do abate de bovinos, suínos e também de frangos. Destaca-se que os números disponíveis ainda não haviam captado a liberação de importantes mercados para a carne brasileira o que vai aumentar

ainda mais o impacto positivo sobre a economia. Já no caso do segmento de leite, tanto o adquirido quanto o industrializado, podemos notar a continuidade do processo de elevação, ultrapassando os 5,8 milhões de litros.

Animais Abatidos

(1.000 cabeças)

	Bovinos	Suínos	Frangos
2ºT18 (a)	7,768	10,834	1,376,795
1ºT19 (b)	7,924	11,294	1,437,470
2ºT19 (c)	8,036	11,394	1,424,092
c/b	14%	0.9%	-0.9%
c/a	3.5%	5.2%	3.4%

Leite

(1.000 litros)

	Adquirido	Industrializado
2ºT18 (a)	5,478	5,467
1ºT19 (b)	6,214	6,205
2ºT19 (c)	5,854	5,846
c/b	-5.8%	-5.8%
c/a	6.9%	6.9%

Fonte: IBGE

Em resumo, os dados mais recentes do setor agropecuário deixam antever que o ano de 2019 deve se encerrar de forma positiva, tanto para a agricultura quanto para a pecuária. **Para 2020**, os dados preliminares da safra de grãos sinalizam um ligeiro aumento sobre os resultados de 2019, o que pode ajudar a gerar mais renda no interior do país e movimentar o segmento de transporte, principalmente.

Indústria

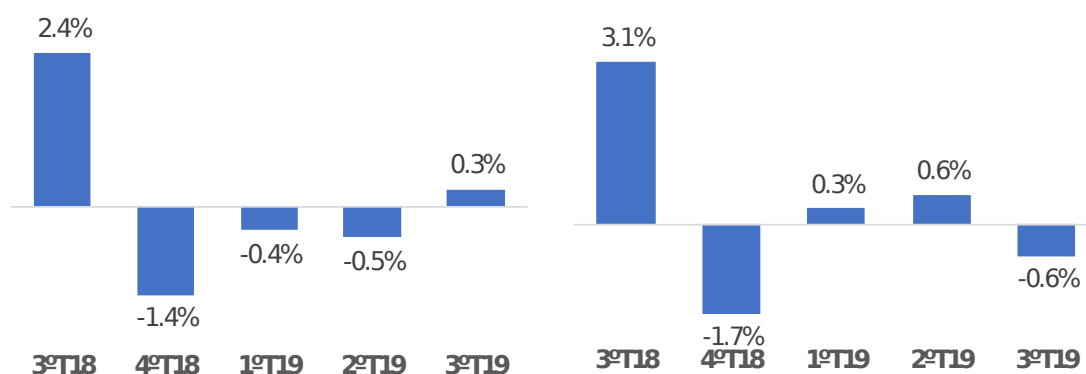
Os dados de fechamento do 3ºT de 2019 sinalizam que, ao menos para a indústria total, a maior e **mais intensa crise que o setor já viveu ficou para trás**. Apesar do crescimento tímido de 0,3% no período para a indústria total (indicador que reúne os resultados da indústria de transformação e da extrativa), é o primeiro resultado positivo em um ano. Por outro lado, filtrando apenas os dados da indústria de transformação, o cenário ainda se mostra desafiador, com o 3ºT tendo uma queda de 0,6% na produção sobre o trimestre imediatamente anterior.

Variação Percentual no Trimestre sobre Trimestre Anterior

Produção Industrial total

Indústria de Transformação

Balço Econôico 2019/20



Fonte: IBGE.

Que o resultado da indústria de transformação tem sido bem diferente dentre os segmentos não é uma novidade. Presenciamos isso durante os últimos meses quando a indústria de veículos, com grande expansão da produção (mesmo diante da **queda das exportações** para um dos nossos parceiros comerciais mais importantes que é a Argentina), puxou os resultados totais. Mas, atualmente, essa dinâmica arrefeceu e o segmento cresce apenas 1,8% em 12 meses. Outra atividade de grande peso na indústria é a de produtos alimentícios e que sinaliza rápida retomada ainda em 2019.

Produção Industrial segmentos - Brasil

Balanço Econômico 2019/20

	No ano	Em 12 meses
Produtos alimentícios	0.2%	-2.0%
Bebidas	3.5%	1.7%
Produtos do fumo	-2.8%	-3.0%
Produtos têxteis	-1.7%	-2.8%
Vestuário e acessórios	0.1%	-1.1%
Couros, artefatos e calçados	0.4%	0.9%
Produtos de madeira	-5.6%	-5.1%
Celulose, papel e produtos de papel	-3.7%	-2.1%
Impressão e reprodução de gravações	-8.1%	-6.3%
Coque, derivados do petróleo e de biocomb.	0.4%	0.0%
Limpeza, cosméticos e de higiene pessoal	-3.1%	-1.9%
Outros produtos químicos	-0.5%	-1.4%
Farmoquímicos e farmacêuticos	-3.5%	-0.2%
Produtos de borracha e de material plástico	-1.9%	-2.5%
Produtos de minerais não-metálicos	1.6%	1.5%
Metalurgia	-0.8%	-0.8%
Produtos de metal	5.0%	4.5%
Equip. de informática, eletrônicos e ópticos	-2.9%	-5.5%
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	1.2%	0.4%
Máquinas e equipamentos	1.1%	1.1%
Veículos automotores, reboques e carrocerias	2.3%	1.8%
Outros equip. de transporte	-11.0%	-10.4%
Fabricação de móveis	-0.3%	-2.3%
Produtos diversos	2.1%	1.2%
Manut., reparação e instalação de máq. e equip.	-9.2%	-8.3%
Total da indústria de transformação	-0.2%	-0.9%

Fonte: IBGE.

Dentro do **segmento metal-mecânico**, o mais importante demandante de produtos do setor de borracha, destacamos os bons resultados da produção de máquinas e materiais elétricos e, ainda patinando, de máquinas e equipamentos. De foram contrária, o segmento de outros equipamentos de transporte apresenta forte retração.

Analisando os dados da CNI - Confederação Nacional da Indústria, podemos ver que o desafio do setor industrial ainda é grande. No ano o faturamento do setor cai 1,7%, o emprego se retrai 0,3% e a UCI - **Utilização da Capacidade Instalada**, está com média de 78, bem abaixo de um nível considerado normal e que demandaria projetos de investimentos.

Balanço Econômico 2019/20

Da mesma forma que verificamos na produção, podemos ver que o cenário aqui é bem heterogêneo com quedas significativas no faturamento em atividades como Coque e derivados de petróleo, produtos farmacêuticos, máquinas e equipamentos, produtos alimentícios, têxteis e químicos. De outro lado, destaque para os bons números no segmento de móveis, couro, madeira, celulose, produtos de metal, veículos e, inclusive, produtos de borracha e plástico.

Os **dados de emprego** seguem de perto a conjuntura, e poucas atividades apresentam aumento de contratações com queda do faturamento, como é o caso de bebidas, produtos farmacêuticos, máquinas e equipamentos e outros equipamentos de transporte. E, de outro lado, há apenas três segmentos com queda do emprego concomitante a aumento de faturamento, como em produtos de borracha e plástico, veículos automotores e móveis. Todos os demais segmentos o movimento do emprego segue o comportamento do faturamento.

Indústria de Transformação - Brasil

(Indicadores Industriais - var.% no ano)

	Faturamento	Emprego	UC Média
Produtos alimentícios	-5.5%	-1.4%	75
Bebidas	-3.2%	0.3%	70
Produtos têxteis	-6.1%	-3.6%	82
Artigos do vestuário e acessórios	-1.9%	-2.0%	82
Couro, artigos para viagem e calçados	6.4%	0.3%	85
Produtos de madeira	5.5%	1.7%	79
Celulose, papel e produtos de papel	5.8%	1.6%	88
Impressão e reprodução de gravações	-7.1%	-5.9%	78
Coque, derivados do petróleo e biocomb.	-14.3%	-0.8%	80
Químicos	-4.1%	-0.5%	76
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	-10.8%	3.0%	76
Produtos de borracha e de material plástico	9.6%	-2.3%	73
Produtos de minerais não metálicos	4.5%	0.0%	77
Metalurgia	2.6%	1.8%	77
Produtos de metal	4.7%	4.5%	77
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	0.9%	3.2%	82
Máquinas e equipamentos	-2.8%	1.2%	76
Veículos autom., reboques e carrocerias	6.5%	-1.3%	72
Outros equipamentos de transporte	-4.1%	2.6%	90
Móveis	15.3%	-2.5%	83
Produtos diversos	16.4%	2.8%	80
Indústria de Transformação	-1.7%	-0.3%	78

Fonte: CNI.

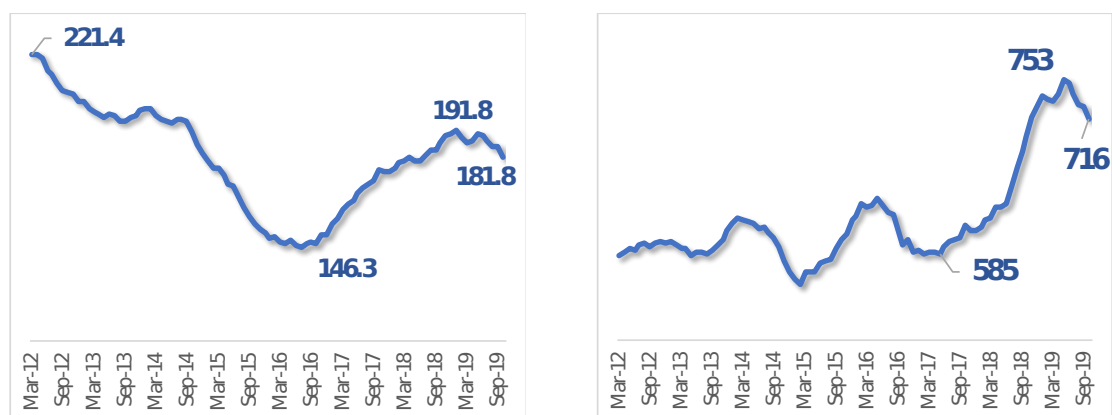
Por fim, analisamos o comportamento das exportações industriais. Como pode ser visto no gráfico, após atingir o patamar de US\$ 191 bilhões no acumulado de 12 meses ao final de 2018, as mesmas tiveram uma ligeira queda para US\$ 181 bilhões. Analisando **apenas o ano de 2019** (acumulado entre janeiro e outubro), podemos identificar os dois segmentos que tiveram quedas significativas tanto em percentuais quanto em valores.

O primeiro deles é o segmento de **veículos automotores**, com uma retração de 27% nas exportações o que representou US\$ 3,5 bilhões a menos e, o segundo, outros equipamentos de transporte, com 28% de queda e US\$ 2,9 bilhões a menos exportado no ano de 2019 em relação ao mesmo período de 2018. Vale destacar que boa parte desse resultado pode ser creditado as exportações para a Argentina, um importante parceiro comercial do Brasil e que completa o segundo ano consecutivo de crise.

As menores **exportações em dólares** afetaram diretamente o resultado do faturamento em reais, quando convertido pelo dólar médio do mês e deflacionado. Como pode ser visto pelo gráfico, essas chegaram a atingir o patamar recorde de R\$ 753 bilhões mas, se retraíram para R\$ 716 bilhões (acumulado em 12 meses). Os dois setores apontados acima tiveram quedas significativas em valores exportados, com veículos vendo o faturamento com exportações cair em R\$ 11,9 bilhões apenas em 2019 e outros equipamentos de transporte com queda de R\$ 9,8 bilhões. A contrapartida setorial veio com as maiores **exportações de produtos minerais não metálicos** (+R\$ 9,7 bilhões) e de coque e refino de petróleo (+R\$ 7,4 bilhões).

Exportações Industriais em 12 meses - BR
Em US\$ bilhões

EM R\$ bilhões



Fonte: SECEX/FIERSGS

Em resumo, os dados da indústria brasileira deixam claro alguns movimentos. Em primeiro lugar que o setor está ensaiando a saída da crise que pode ser explicada pela queda generalizada da produção dentre os segmentos e que o número agregado não revelava devido a forte expansão da produção de veículos. Como esse segmento arrefeceu, será natural esperar que a indústria, no agregado, tenha números menores. Porém, a abertura dos segmentos revela que mais atividades estão despontando com **aumento de produção** e devemos ter resultados positivos para 2020. Destaca-se, por fim, que os números da indústria só não são melhores devido a forte queda das exportações, em especial para a Argentina.

Serviços

O setor de serviços tem uma característica de captar diversos movimentos da economia, mas destaque especial para o crescimento da renda, que impacta o consumo das famílias, e da movimentação de mercadorias, via serviços de transporte. No caso da renda, como a mesma permanece praticamente estabilizada no mercado formal nos últimos dois anos, era natural imaginar que diversas atividades relacionadas a serviços prestados as famílias fossem refletir essa dinâmica menos favorável. Mas, o fato é que a **renda das pessoas** no mercado informal aumentou quase 10% acima da inflação e isso teve um efeito positivo sobre atividades como gastos com restaurante, hotéis, aluguel de carros, serviços como cabeleiros e vários outros que não precisam de comprovação da renda.

Setor de Serviços - Brasil

	No ano	12 meses
Serviços prestados às famílias	3.5%	3.3%
Alojamento e alimentação	3.5%	3.5%
Outros serviços prestados às famílias	3.3%	2.2%
Serviços de informação e comunicação	2.9%	2.7%
Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	3.8%	3.8%
Telecomunicações	-0.7%	-0.6%
Tecnologia da Informação	13.3%	13.4%
Audiovisuais, de edição e agências de notícias	-3.0%	-4.8%
Serviços profissionais, admin. e complem.	-0.1%	-0.7%
Técnico-profissionais	0.2%	-1.3%
Administrativos e complementares	-0.1%	-0.3%
Serviços de Transportes, auxiliares e correio	-3.0%	-2.1%
Transporte terrestre	-2.6%	-1.7%
Transporte aquaviário	2.3%	1.9%
Transporte aéreo	-7.5%	-4.1%
Armazenagem, auxiliares a transp. e correio	-3.6%	-3.1%
Outros serviços	5.2%	4.6%
Total	0.7%	0.7%

Fonte: IBGE

Além dos serviços prestados as famílias, chama atenção a boa dinâmica das atividades de serviços relacionados a tecnologia da informação e que envolve contratação de consultorias de dados, softwares e etc. Um sinal de que o país está investindo mais em tecnologia que pode aumentar **a produtividade das empresas nos próximos anos**. Como pode ser visto na tabela, a decepção no segmento de serviços no Brasil tem sido a parte relacionada a transportes, tanto para o terrestre, que tem o maior peso, quanto para os serviços de transporte aéreo, uma atividade que passa por muita dificuldade.

Além do setor de serviços temos o comércio, importante segmento que tem forte peso no PIB. Apesar do país estar crescendo abaixo de 1% ao ano durante vários trimestres, há atividades que estão performando melhor que a média, como é o caso das vendas de produtos farmacêuticos, artigos de uso pessoal, **venda de materiais de construção e também de veículos**. No geral, o comércio está crescendo quase três vezes mais que a média da economia.

Comércio Varejista Ampliado - Brasil

	No ano	12 meses
Combustíveis e lubrificantes	0.5%	-0.3%
Hiper., super., alimentos, bebidas e fumo	0.3%	0.8%
Hipermercados e supermercados	0.7%	1.2%
Tecidos, vestuário e calçados	-0.2%	0.5%
Móveis e eletrodomésticos	0.8%	0.0%
Farmac., médicos, perfumaria e cosméticos	6.4%	6.5%
Livros, jornais, revistas e papelaria	-23.6%	-25.2%
Equip. e mat. escritório, inform. e comunic.	-0.9%	-0.6%
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	5.4%	6.3%
Veículos, motos, partes e peças	10.5%	11.0%
Material de Construção	3.9%	3.2%
Comércio Varejista Ampliado	3.6%	3.8%

Fonte: IBGE

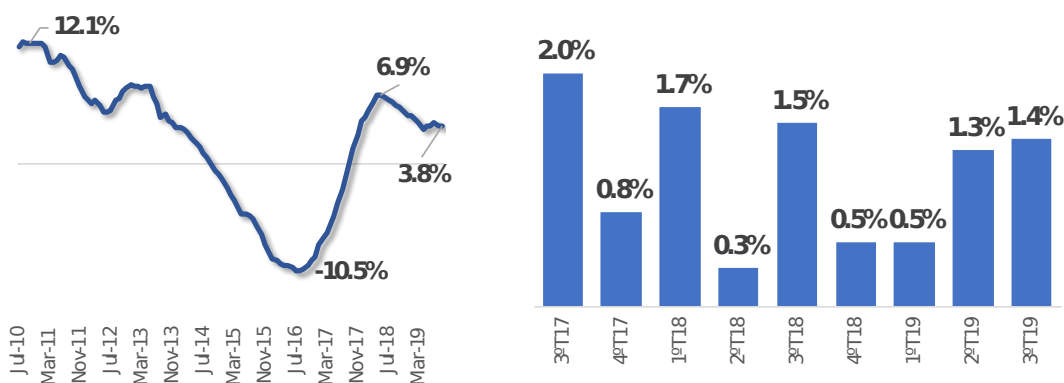
Algumas atividades ainda patinam, como é o caso das vendas de hipermercados e supermercados. Isso ocorre, principalmente devido ao fato de que a massa de salários está praticamente estável, limitando a venda desses itens e de outros relacionados a **vestuário e móveis**. Da mesma forma, com a economia ainda em baixo crescimento, as atividades de consultoria e de escritórios acabam não performando e, com isso, demandam menos itens de escritório.

Ao analisar os resultados do comércio em 12 meses, podemos ver que o ciclo de retomada veio ainda no segundo semestre de 2016 e se estendeu até o final de 2017 com um crescimento da ordem de 6,9%. A partir de então, tal como pudemos verificar em outros segmentos da economia, ocorreu um arrefecimento mas esse veio até o patamar de 3,8% e os sinais de que pode estar em curso um período de novo aumento das **vendas do comércio** são bem claros. Vale destacar que a maior contribuição para o aumento das vendas e posterior ajuste nos indicadores agregados veio do segmento de veículos. Veja que, os dados trimestrais revelam um crescimento das vendas em todos os trimestres. Ou seja, a perda de dinâmica ocorreu pelo fato de termos uma expansão menor, e não por cair as vendas. Inclusive no 3ºT tivemos o melhor resultado em um ano.

Comércio Varejista Ampliado - Brasil

Var. % em 12 meses

Variação % Trimestral



Fonte: IBGE.

A perspectiva para o setor de serviços é de melhora dos indicadores na medida em que o mercado de trabalho passe a reagir ao movimento de contratação na economia. Os sinais que está em curso uma **melhora do mercado de trabalho** são nítidos, principalmente no setor da construção civil. Esse processo tem sido lento e deve tomar corpo ainda no primeiro trimestre de 2020 mas com reflexos positivos sobre o setor de serviços e também no comércio a partir do segundo trimestre de 2020.

3. O Setor de Borracha no Contexto Nacional

O segmento de produção de borracha está ligado diretamente a indústrias demandantes como fabricação de veículos automotores, caminhões, ônibus, tratores e motos, setor de autopeças e Máquinas e Equipamentos. Isso para citar apenas alguns. Nesse caso, vemos que a produção de borracha possui uma boa ligação com a taxa de investimento e também com a indústria de bens intermediários. Nesse caso, a produção de bens de capital, onde entram tratores, caminhões, ônibus e demais máquinas e equipamentos, até ensaiou uma alta no 2ºT do ano mas, os números do 3ºT revelam uma ligeira queda que acabou se refletindo no setor de borracha.

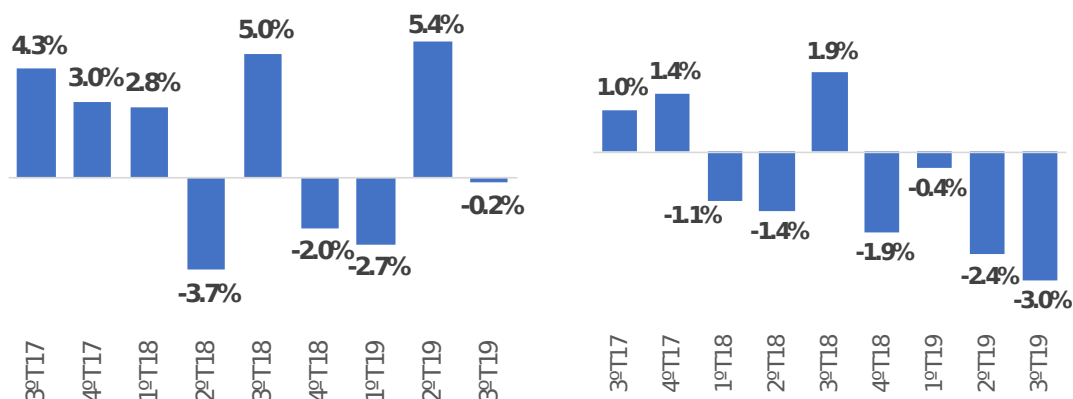
Já na indústria de bens intermediários a retração tem sido mais intensa e duradoura. O segmento caiu nos últimos quatro trimestres, tendo sido a queda do 3ºT a mais intensa.

Produção Industrial - Categorias de Uso

(var % sobre trimestre anterior)

Bens de Capital

Bens Intermediários



Fonte: IBGE

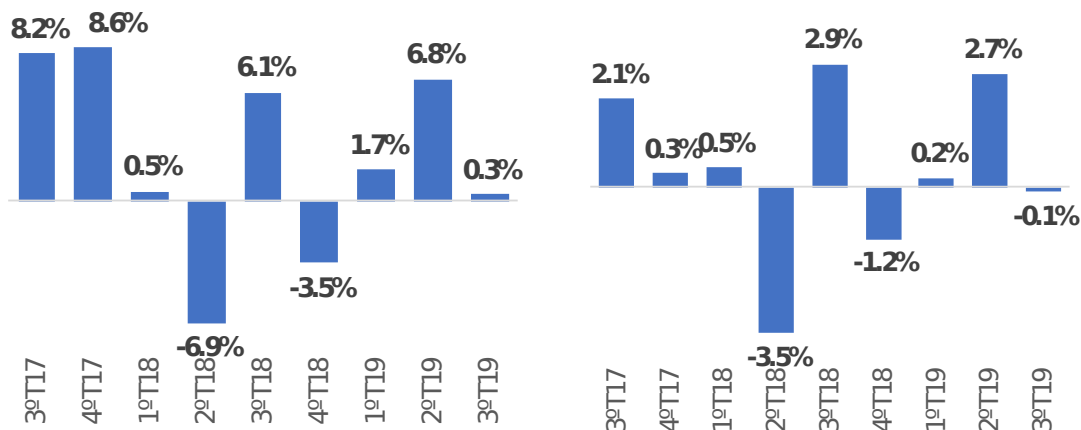
De outro lado podemos também citar o segmento de bens duráveis, outro importante demandante de produtos de borracha mas, principalmente, de forma indireta como a indústria de pneumáticos. Nesse caso, o maior responsável pelo resultado mais tímido foi a indústria automobilística, com a menor dinâmica na produção e exportação de veículos. Por fim, a penetração da indústria de borracha no segmento de produtos semi e não duráveis é bem menor.

Produção Industrial - Categorias de Uso

(var % sobre trimestre anterior)

Consumo Duráveis

Semi e não-duráveis



Fonte: IBGE

No relatório anterior já havíamos chamado atenção para o processo de desaceleração da indústria da borracha, em consonância com a menor demanda de segmentos internos, em especial ligados

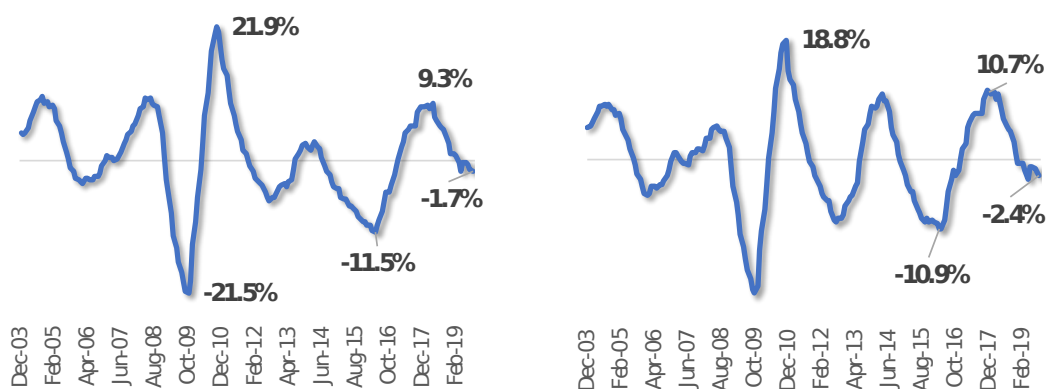
ao segmento metal-mecânico. De fato, esse cenário se confirmou nos últimos meses e a produção de borracha (o indicador do IBGE contempla a produção de plásticos junto), continuou o processo de desaceleração e atingiu os -1,7% em setembro de 2019 quando analisado em dozes meses. Boa parte desse movimento de retração pode ser explicado pela atividade com maior peso dentro da indústria da borracha, que é a produção de pneumáticos. Após a mesma ter atingido o pico de elevação de 10,7% iniciou um processo de retração que já dura quase dois anos. Os indicadores recentes sinalizam que esse ritmo de desaceleração ficou mais fraco, mas não impede que ainda seja verificada uma retração no ano de 2019 e também em 2020.

Evolução da Produção Industrial

(var % ac. em 12 meses)

Produtos de Borracha

Pneumáticos e Câmara de ar



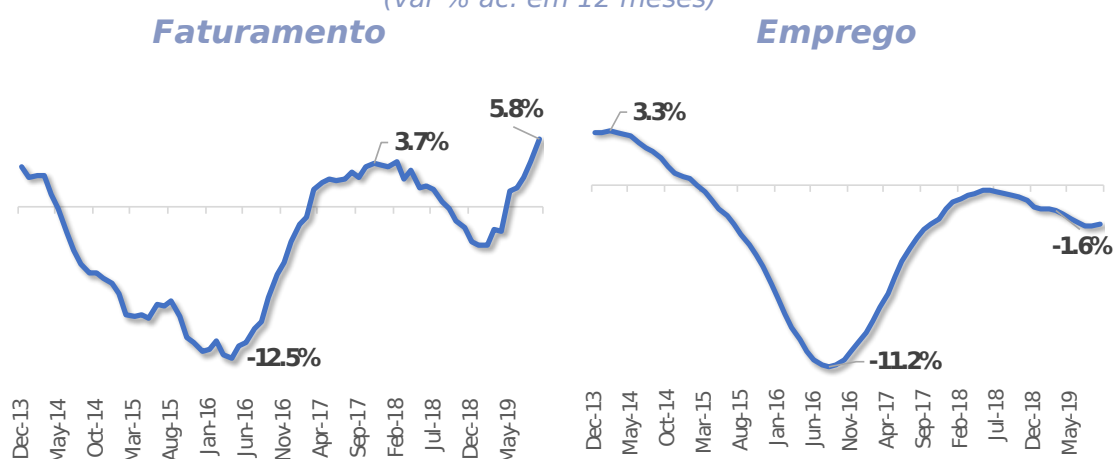
Fonte: IBGE

Poucas vezes identificamos um processo inverso na dinâmica da produção de um setor com a evolução do faturamento real. Algumas vezes o que se nota é um processo de movimento suave antecipado, especialmente pela produção. O que se verifica nesse momento é que a produção do setor, como mostrado acima, está com tendência de queda ao passo que o faturamento reverteu essa queda e aponta para um forte crescimento que se encerra, em 12 meses, com 5,8%.

A divergência de comportamento dos indicadores continua quando analisamos os dados de emprego (calculados pela CNI). Aqui, após ser identificada uma tendência de geração de vagas, que reverteu uma queda de 11% para uma estabilidade, o setor passou a desempregar novamente e o total de vagas no segmento está com queda de 1,6%. Ou seja, o cenário de queda da produção com aumento do faturamento e queda do emprego tem relação direta com um nível de estoque maior no segmento de borracha. Caso isso seja verdadeiro, é natural esperar que, em alguns meses, seja necessário aumentar a produção novamente, o que estimamos ocorra ainda no primeiro semestre de 2020.

Indicadores Industriais - Brasil

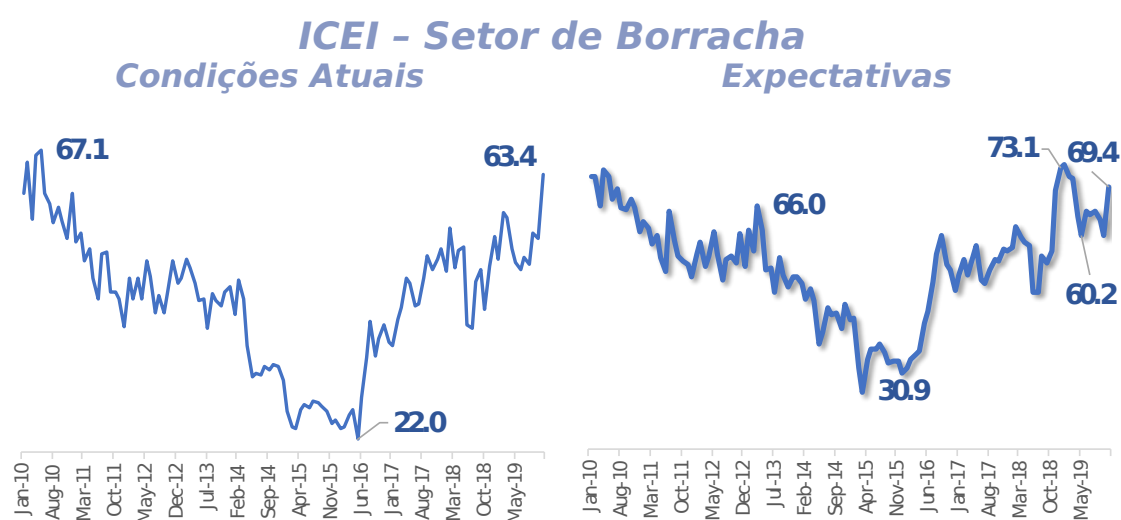
(var % ac. em 12 meses)



Fonte: CNI

Apesar da queda da produção o empresário do setor tem uma avaliação extremamente positiva em relação as condições atuais da economia, como revela o indicador ICEI - Índice de Confiança do Empresário Industrial das condições atuais. O valor de 63,4 do indicador está próximo do patamar recorde de 67,1 ocorrido em 2010, quando a economia brasileira crescia cerca de 7% ao ano. Uma boa parte da melhora do indicador ocorreu nos últimos meses, na esteira da aprovação da reforma da previdência juntamente com diversas outras medidas de cunho econômico que já começam a surtir efeito.

Outro indicador que compõem o ICEI é o índice de expectativas. Após ter atingido o patamar recorde no período pos eleição do Presidente Jair Bolsonaro, o mesmo se arrefeceu nos meses seguintes em meio as dificuldades do Governo nos primeiros dias de gestão. Mas, desde então, o índice vem apresentando elevação e o patamar de 69,4 representa o melhor cenário dos últimos 9 anos, sinalizando que o empresário do setor está confiante no futuro da economia. Tal sentimento pode ser traduzido em novos investimentos nos meses que se seguem.

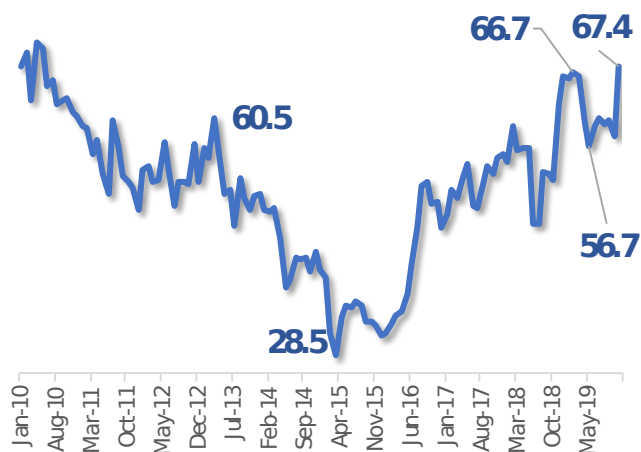


Fonte: CNI

Por fim, temos o ICEI - Índice de **Confiança do Empresário** Industrial, que representa a composição dos indicadores de condições atuais e expectativa. Como pode ser visto no gráfico, o ICEI para o setor de borracha atingiu o recorde histórico desde maio de 2010, ou seja, o melhor momento para o empresário dos últimos nove anos.

ICEI - Setor de Borracha

Balanço Econômico 2019/20



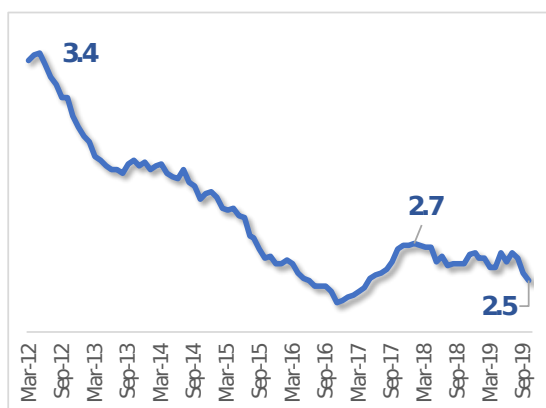
Fonte: CNI

Por fim temos as exportações setoriais. O segmento de borracha e plástico (mantemos essa divisão para comparação com os demais indicadores) vem experimentando uma queda das exportações, quando medida em dólares, que já dura mais de sete anos. De um patamar de US\$ 3,4 bilhões em exportações em 2012 para apenas US\$ 2,5 bilhões em 12 meses terminados em outubro de 2019. Boa parte desse movimento se deve a uma menor compra da Argentina, um dos mais importantes parceiros comerciais do segmento no Brasil. Quando medido em reais o movimento de retração acaba sendo um pouco mais suave e mantém uma média de R\$ 10 bilhões em faturamento, com destaque para a recuperação recente, entre 2017 e 2019.

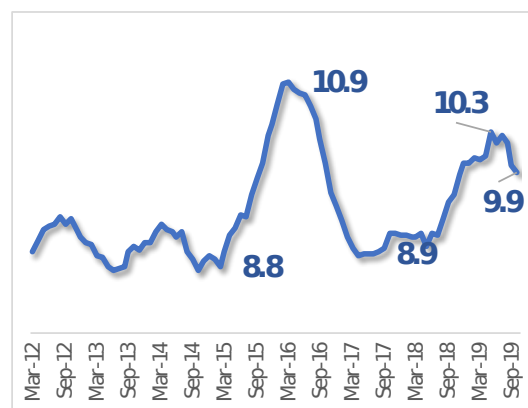
Exportações de Borracha e Plástico

(Ac. Em 12 meses)

Em US\$ bilhões



Em R\$ bilhões



Em resumo, de acordo com os indicadores do setor de borracha podemos constatar que o movimento de alta da produção perdeu fôlego, na esteira do ocorrido na indústria total. Uma parte disso pode ser explicada pela queda das exportações, que atingiram um dos segmentos mais importantes da cadeia de indústrias que demandam do setor de borracha. O movimento recente deixa antever que a desaceleração deve ainda ter curso pelos próximos meses, ao menos até o final do primeiro trimestre de 2020 quando, então, poderemos visualizar uma retomada da produção no segmento.

A melhora no sentimento das condições atuais da economia bem como com o cenário futuro, por parte dos empresários do setor, deixa antever um ano de 2020 no mínimo melhor que o verificado em 2019. O maior risco no horizonte seria um aprofundamento da crise na Argentina e que pudesse deprimir ainda mais as exportações para aquele país, seja de produtos diretamente ou então via cadeia produtiva, em especial no segmento de veículos. Porém, vale destacar, boa parte da retração na demanda por exportações do Brasil já ocorreu em 2019, deixando pouco espaço para quedas ainda mais significativas em 2020.

4. O RIO GRANDE DO SUL NO 1ºT 2019

A recessão de 2014-2018 atingiu os estados brasileiros de maneira distinta, com esses resultados refletindo as diferentes composições de riqueza e de produção. Na ausência de dados trimestrais oficiais que permitam fazer uma análise mais detalhada por estado, podemos recorrer aos indicadores mensais do Banco Central, caracterizados como uma proxy da estimativa do PIB.

Os dados mais recentes, terminados em setembro de 2019, sinalizam que o país estaria crescendo cerca de 0,7%, como pode ser visto na tabela que traz apenas os Estados do Sul e Sudeste. Veja que, nesse grupo, todos apresentam performance maior que a média do Brasil, com destaque para o Estado de São Paulo e Santa Catarina com crescimento de 2,6%. A única queda é verificada no Espírito Santo.

IBC - Proxy do PIB Estados

	No ano	12 meses
Espírito Santo	-0.8%	0.2%
Minas Gerais	0.9%	0.9%
Rio de Janeiro	1.4%	0.8%
São Paulo	2.6%	2.3%
Sudeste	2.0%	1.7%
Paraná	2.4%	2.3%
Santa Catarina	2.6%	2.7%
Rio Grande do Sul	2.0%	2.7%
Sul	2.3%	2.5%
Brasil	0.7%	0.9%

Fonte: BCB

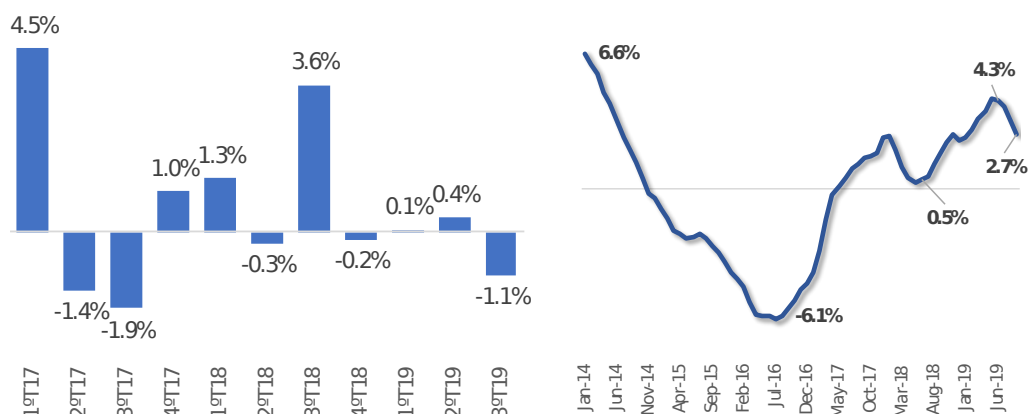
PIB - Rio Grande do Sul

As estimativas do PIB do Rio Grande do Sul que serão feitas nessa sessão seguem a metodologia desenvolvida pelo Banco Central para dados de PIB dos Estados. Nessa, podemos ver que a economia do Rio Grande do Sul se desacelerou desde 2014 de forma muito acentuada, atingindo uma queda de 6% em meados de 2016. Esse

pode ser considerado um *turning point* para a atividade local e, desde então a mesma se recuperou até o final de 2018.

Essa perda de dinamismo da atividade produtiva no Estado pode ser vista no comportamento dos trimestres, que passaram a alternar números positivos e negativos. O resultado do 3º trimestre de 2019 teve a maior queda desde o 3º trimestre de 2017 e puxou a estimativa do PIB, em 12 meses, para perto de 2,7%. É natural esperar que, mesmo diante desse arrefecimento, o ano de 2019 termine, para o RS, com crescimento perto de 1,8%- 2,1% mas preservando a tendência de desaceleração.

IBC-RS - Proxy do PIB do Rio Grande do Sul (Var. % no trimestre) (var. % em 12 meses)



Fonte: BCB

Do ponto de vista macroeconômico esse resultado do RS se contrasta com a média do Brasil e pode ser explicado pelos bons resultados observados no setor industrial. Aqui há uma convergência com o cenário do Brasil, onde a produção de veículos puxou a atividade industrial, juntamente com as exportações. Porém, da mesma forma que a crise da Argentina colocou um freio nessa expansão para o segmento no Brasil, o mesmo aconteceu no Rio Grande do Sul.

Veremos a seguir a discussão sobre cada um dos setores da economia, começando pela agropecuária, passando pela indústria e depois abordando o setor de serviços e comércio.

Agropecuária

Os maiores produtores de grãos do Brasil são, pela ordem, o Mato Grosso com 67 milhões de toneladas, Paraná com 36 milhões, Rio Grande do Sul com 35 milhões e Goiás com 24 milhões. A previsão da safra de 2020 projeta expansão no MT (+1%) e PR (+6%) e queda em GO (-1,7%) e RS (-1,5%).

Uma das principais culturas do Rio Grande do Sul é o arroz e a soja. O primeiro teve uma produção de 7,3 milhões de toneladas na safra de 2019 e a previsão é que a mesma fique estável na safra de 2020. Já a soja representou uma produção total de 19 milhões de toneladas na safra de 2019 e, segundo o último levantamento da Conab, deve ter uma queda de 3,5% para a safra de 2020, reduzindo o total de grãos para 18,5 milhões. Vale destacar que esse resultado vai na contramão das estimativas feitas para outros grandes produtores de soja do Brasil, como é o caso do MT, que deve ter expansão de 2,3%, MS com previsão de elevação de 11%, GO com +2,3% e PR com expressivos 18% de alta.

Indústria

Os efeitos da crise econômica no Brasil tiveram impacto diferenciado nos Estados. Isso porque a composição industrial é bem diferente, com alguns possuindo uma indústria mais complexa e madura ao passo que outros estados tendo, na sua composição uma matriz industrial menor e mais concentrada em poucos setores.

Como pode ser visto na tabela, quatro estados tiveram, nos últimos 12 meses, um resultado pior que a média nacional (-1,5%). São eles: Espírito Santo (-8,7%) muito ligado a parte da indústria extrativa, petróleo e aço; Mato Grosso (-3,8%) mas com uma indústria que não é tão forte e representa apenas 17% do PIB do estado e concentrado em alimentos, químico e têxtil; Minas Gerais (-3,6%) que, nesse caso, a indústria é um importante player e representando 31%

do PIB do Estado e sendo o terceiro maior parque industrial do país. Nesse caso, destaque para a indústria automobilística, têxtil, aço, mineradoras, metalurgia, mecânica e autopeças; Pernambuco (-2,8%) com uma indústria importante para o PIB do Estado e representando 22% do total, mas menos relevante para o resto do Brasil, com produção de aço, produtos químicos, farmacêuticos e mobiliário.

Indústria de Transformação - Estados

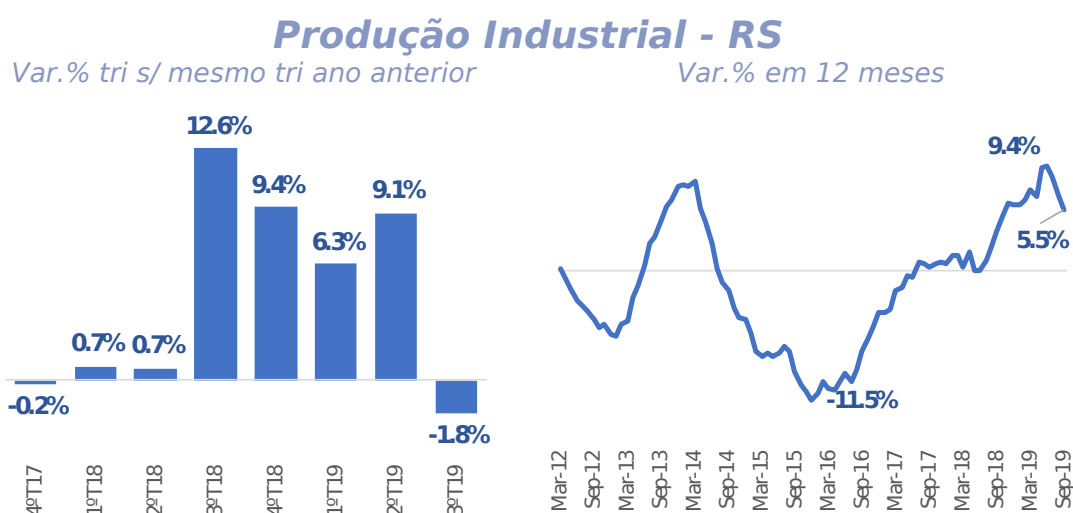
	No ano	Em 12 meses
Amazonas	2.5%	0.9%
Pará	-1.1%	1.6%
Ceará	1.4%	1.1%
Pernambuco	-3.0%	-2.8%
Bahia	-2.9%	-1.5%
Minas Gerais	-4.6%	-3.6%
Espírito Santo	-13.0%	-8.7%
Rio de Janeiro	0.3%	-0.4%
São Paulo	-0.1%	-1.1%
Paraná	6.7%	5.2%
Santa Catarina	3.4%	3.7%
Rio Grande do Sul	4.3%	5.5%
Mato Grosso	-4.2%	-3.8%
Goiás	1.7%	-0.7%
Brasil	-1.4%	-1.5%

Fonte: IBGE.

Na outra ponta tivemos os melhores resultados da produção industrial nos 12 meses terminados em setembro de 2019 para os três estados do Sul. No Paraná a indústria representa 40% do PIB, um patamar realmente elevado e que revela a importância de segmentos como a produção de veículos, cimento, cerâmica, agroindústria, metalmeccânica e têxtil. Em Santa Catarina, onde a indústria representa 52% do PIB, destaque para a produção da agroindústria, máquinas e equipamentos, eletrodomésticos, veículos, moveis e têxtil. Por fim, temos o Rio Grande do Sul que teve um resultado de 5,5% no período analisado, o melhor desempenho do Brasil com a indústria representando cerca de 27% do PIB total. O RS tem um parque industrial bastante diversificado, muito voltado para as

agroindústrias, metalmeccânico, calçados, móveis e químicos, além de uma forte indústria de bebidas e de celulose. Boa parte dessas empresas são exportadoras, o que confere ao Estado uma importante posição no cenário nacional quando o tema é comércio exterior.

Apesar do bom desempenho nos últimos 12 meses, como pode ser visto no gráfico, o fato é que o setor já está em um cenário de desaceleração da produção. Após atingir os 9,4% de alta, com seis trimestres consecutivos de alta, a indústria do Rio Grande do Sul apresentou, no 3ºT de 2019, a primeira retração, e não foi tímida, chegando a 1,8%.



Fonte: IBGE

Os indicadores de desempenho, calculados pela FIERGS, sinalizam um movimento semelhante para a indústria do RS em relação ao que vimos na produção. O faturamento, por exemplo, após atingir a mínima de 13% de queda, retomou em meados de 2016 e encerrou um ciclo de expansão em meados de 2018 com 7,4% de alta. O ajuste nos meses seguintes foi em linha com a queda da produção, mas enquanto essa ainda cai, o faturamento se manteve praticamente estabilizado em torno de 3,8-4%.

Os empregos na indústria gaúcha seguiram esse movimento de alta da produção e do faturamento ocorrido entre 2016 e 2018 mas, tal como vimos anteriormente, iniciou um processo de arrefecimento. Em 12 meses, terminados em setembro de 2019, os empregos ainda

crecem 0,3%, uma taxa inferior ao final de 2018 e início de 2019. Com a sinalização de desaceleração da economia gaúcha, e também da indústria, será natural esperar que a dinâmica do emprego no setor siga esse movimento.

Varição Percentual em 12 meses - RS

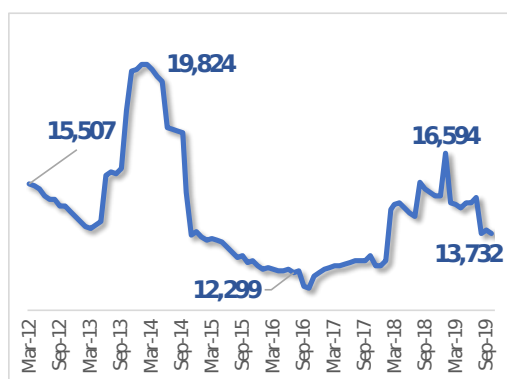


Essa visão prospectiva pode ser corroborada com o comportamento recente das horas trabalhadas, que seguem estáveis. Sem aumento das horas, a indústria não presenciara aumento do emprego nos meses a frente. Por fim temos o indicador agregado, IDI - Índice de Desempenho Industrial, cujo resultado representa a composição dos diversos outros indicadores coletados. Após meses praticamente estagnado em uma expansão de 3,6% o IDI começou a se retrair, muito influenciado pela dinâmica do faturamento e dos empregos. Mesmo assim, deve terminar o ano em terreno positivo, mas para 2020, podemos esperar uma estabilidade.

Varição Percentual em 12 meses - RS

Horas Trabalhadas IDI

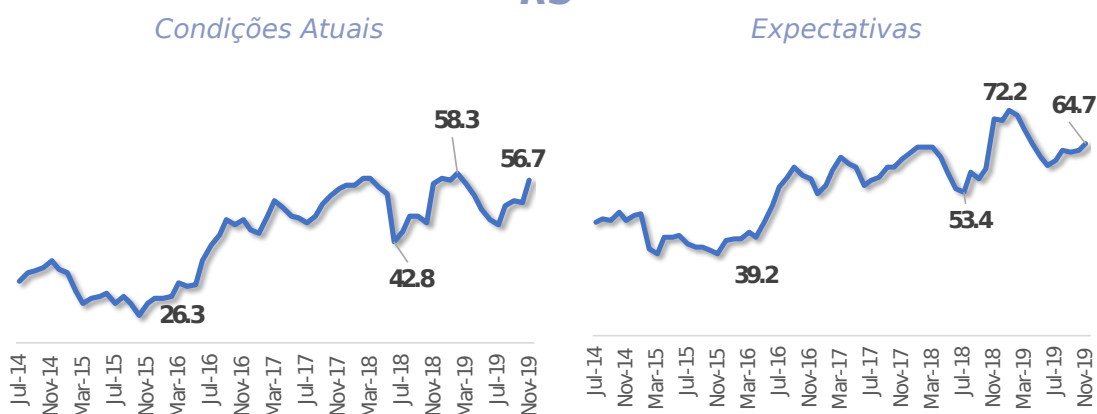
Balanço Econômico 2019/20



Fonte: SECEX/FIERGS.

O cenário de desaceleração ocorrido no estado do Rio Grande do Sul nesses últimos meses não foi o suficiente para impedir que o empresário se mostrasse confiante tanto na situação atual da economia, como mostra o indicador de condições atuais, quanto nas expectativas. Esses resultados não são tão significativos quanto o que vimos para a média do Brasil, mas representam valores recordes desde 2010 (retirando os resultados da pesquisa do final de 2018 que refletiam o sentimento pos eleição presidencial).

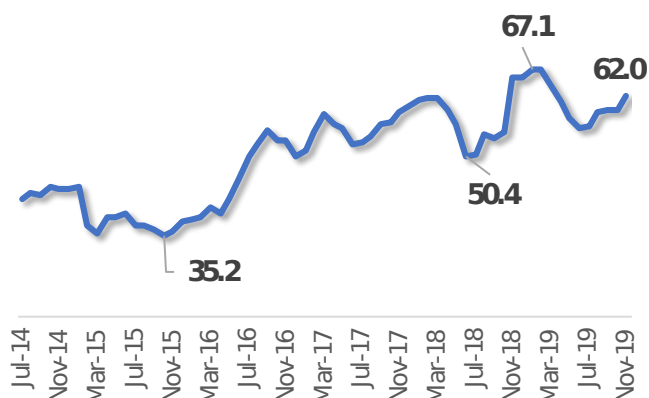
ICEI - Índice de Confiança do Empresário Industrial - RS



Fonte: FIERGS.

Assim é que, ao combinar esses dois indicadores temos o ICEI que reflete, de modo agregado, o índice de confiança do empresário. Veja pelo gráfico que o mesmo está na máxima histórica desde 2010 e é menor somente que o resultado imediatamente ocorrido pos eleição presidencial de 2018. Na oportunidade havia o risco de uma vitória de uma proposta de Governo para economia que certamente espantaria investidores.

ICEI - Índice de Confiança do Empresário Industrial - RS



Fonte: FIERGS.

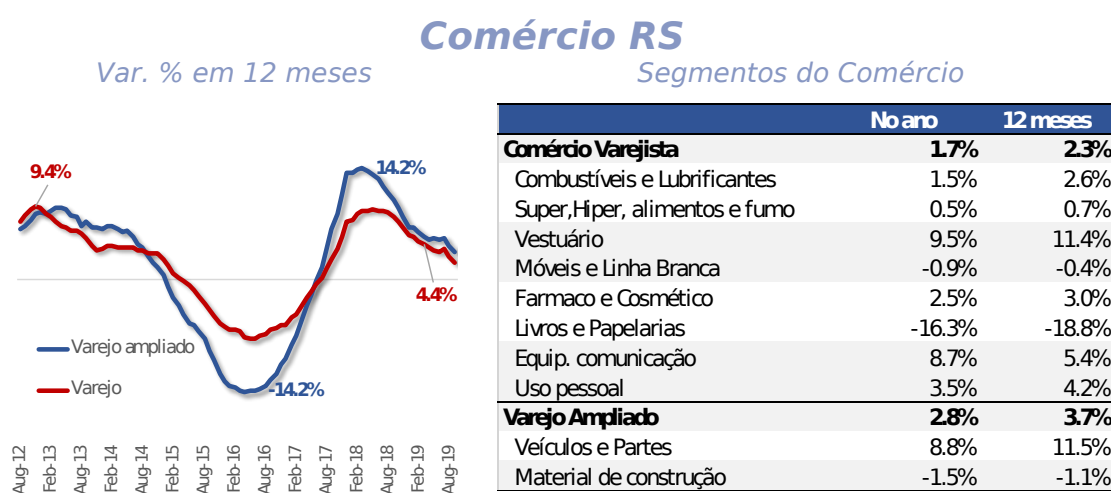
Em resumo, a indústria do Rio Grande do Sul experimentou, no período pós impeachment, uma rápida recuperação alicerçada, em especial, nas exportações e na produção de veículos. Desde o fim de 2018 que esses vetores perderam força e o setor começou a desacelerar, refletindo de forma negativa nos dados de emprego e em menor magnitude no faturamento. Porém, mesmo diante dessa queda recente na dinâmica industrial gaúcha, é possível ver que os empresários seguem aumentando a confiança na situação atual e nas perspectivas, o que pode se refletir, ainda em 2020, em melhores resultados para investimentos e produção.

Serviços - RS

Dentro do setor de serviços, medido de forma mais ampla, temos o comércio. Esse pode ser avaliado a partir de dois indicadores agregados. O primeiro considera apenas o comércio varejista, composto por atividades como vendas nos supermercados (um dos maiores pesos no comércio), e que cresceu de forma tímida no ano de 2019; venda de combustíveis, com expansão também moderada; vestuário com alta significativa durante o ano de 2019; móveis que se manteve em ligeira queda dentre outros segmentos, como pode ser visto na tabela.

Balanço Econômico 2019/20

Ao somarmos as vendas de veículos e de materiais de construção ao indicador de vendas do comércio varejista, teremos as vendas do varejo ampliado. Veja no gráfico, que mede a dinâmica desses dois indicadores em 12 meses, que o ciclo de alta, iniciado ainda em meados de 2016, corrobora o bom momento pelo qual passou a economia gaúcha, em especial com a alta das exportações e da atividade industrial. Veja que a dinâmica das vendas do comércio varejista ampliado foi mais intensa. Isso ocorreu devido a performance, em especial, das vendas de veículos.



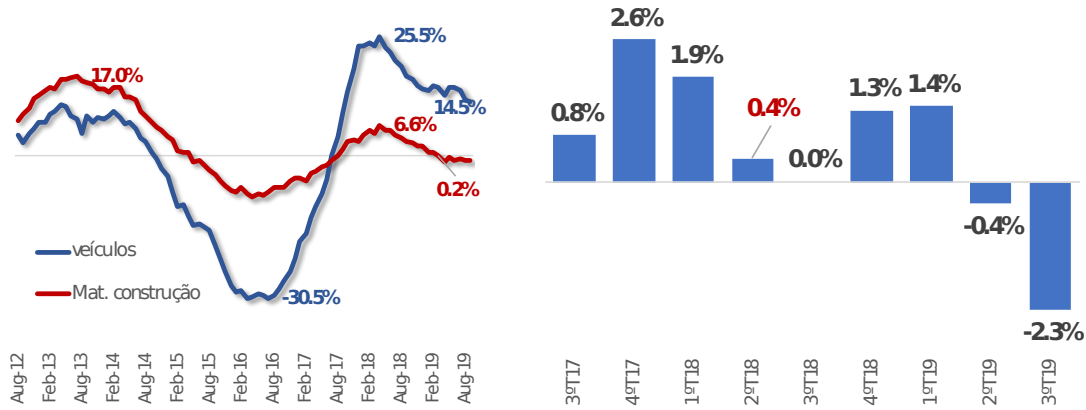
Fonte: IBGE.

De fato, veja no gráfico comparativo entre as vendas de veículos e de materiais de construção, ambos compondo o varejo ampliado, que o primeiro chegou a ter aumento das vendas em 25% ao passo que as vendas de material de construção cresceram menos. Ambas atividades arrefeceram desde o início de 2018, mas chama atenção o comportamento das vendas de material de construção em um momento em que o segmento, no Brasil, retoma as atividades com maior vigor.

Varejo Ampliado RS

Var. % em 12 meses *Varejo Ampliado - Var.% trimestral*

Balanço Econômico 2019/20



Fonte: IBGE.

Assim é que, após diversos trimestres crescendo, o varejo ampliado teve uma queda no 3ºT que foi muito significativa, seguindo um pequeno ajuste no 2ºT de 2019.

Além do comércio o segmento mais amplo de serviços também conta com a atividade de serviços e que envolve os serviços prestados as famílias, serviços de profissionais técnicos e demais serviços como de transporte e armazenagem. O IBGE não abre essa atividade em detalhes para os Estados, mas podemos ver que diversos estados apresentam queda na atividade de serviços, e os melhores resultados no ano ocorreram no Amazonas, Tocantins, Maranhão, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Santa Catarina. As maiores quedas, que chegam a 7,9% no Acre e 7,3% em Rondônia foram, de certa forma, disseminadas em vários outros estados.

PMS - Pesquisa Mensal de Serviços - Estados

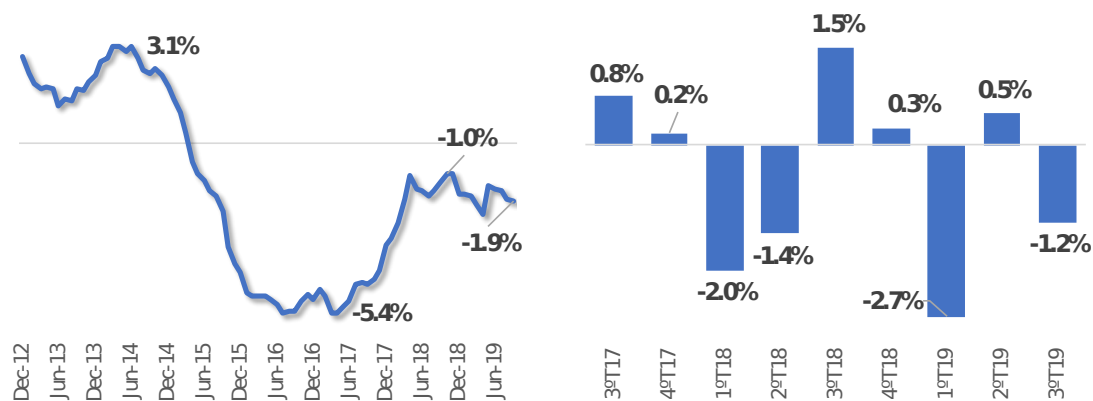
Balanço Econômico 2019/20

	No ano	12 meses
Rondônia	-7.3%	-6.0%
Acre	-7.9%	-7.0%
Amazonas	3.1%	1.8%
Roraima	1.4%	-1.7%
Pará	-1.5%	-0.8%
Amapá	-5.7%	-6.2%
Tocantins	3.5%	0.2%
Maranhão	3.4%	3.6%
Piauí	-5.7%	-5.0%
Ceará	-1.0%	-1.4%
Rio Grande do Norte	-0.1%	-1.2%
Paraíba	-1.2%	-1.5%
Pernambuco	1.3%	1.3%
Alagoas	-5.6%	-4.2%
Sergipe	1.4%	-0.1%
Bahia	-1.9%	-2.4%
Minas Gerais	0.2%	0.2%
Espírito Santo	0.0%	-0.8%
Rio de Janeiro	-3.1%	-3.9%
São Paulo	3.3%	3.5%
Paraná	-2.3%	-1.7%
Santa Catarina	2.0%	2.5%
Rio Grande do Sul	-2.0%	-1.9%
Mato Grosso do Sul	2.7%	2.4%
Mato Grosso	-6.1%	-5.2%
Goiás	-3.0%	-2.8%
Distrito Federal	-1.7%	-0.3%

Fonte: IBGE

No Rio Grande do Sul o ano de 2019 está em queda de 2%, praticamente estável desde o ano de 2018, quando o setor de serviços tem alternado resultados positivos com negativos a cada trimestre. Vale destacar que o segmento veio de uma recuperação desde o final de 2016, mas bem mais suave do que a recuperação que foi presenciada no setor industrial e no comércio. Agora, com o arrefecimento da atividade no Estado, o segmento de serviços parece ter perdido o fôlego.

PMS - Pesquisa Mensal de Serviços - RS
 Var. % em 12 meses Var. % trimestral



Fonte: IBGE.

Em resumo, as atividades do setor terciário no Rio Grande do Sul sinalizam que o ciclo positivo de crescimento presenciado entre o final de 2016 e meados de 2018 foi encerrado. Vale destacar que boa parte do resultado positivo verificado no comércio se deve a boa performance nas vendas de veículos e, em menor magnitude, de materiais de construção. O segmento de serviços não acompanhou essa dinâmica. Atualmente a sinalização é que se tenha números mais tímidos para o comércio e também para o setor de serviços, uma vez que já está em curso um processo de desaceleração da economia do Estado. O primeiro semestre de 2020 pode ser de números menores, mas na medida em que a economia brasileira se recupera, o estado pode ser beneficiado ao longo do segundo semestre de 2020.

5. O Setor de Borracha no Rio Grande do Sul

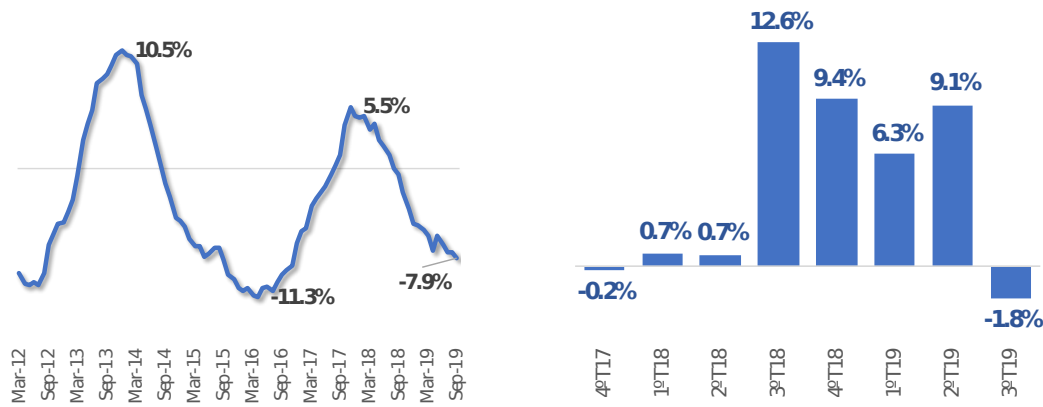
O segmento de borracha do Rio Grande do Sul apresentou a mesma dinâmica que a verificada para o Brasil. Primeiro veio o período de recuperação da produção, logo após o impeachment de 2016, e que durou até o final de 2017 e atingiu os 5,5% quando medido em 12 meses. Desde então, o segmento começou a diminuir a produção e adentrou em um ciclo de retração ainda em 2018 e que dura até o momento (setembro de 2019).

Produção Industrial - Produtos de Borracha - RS

Var.% em 12 meses

Var.% mesmo trim. ano anterior

Balanço Econômico 2019/20



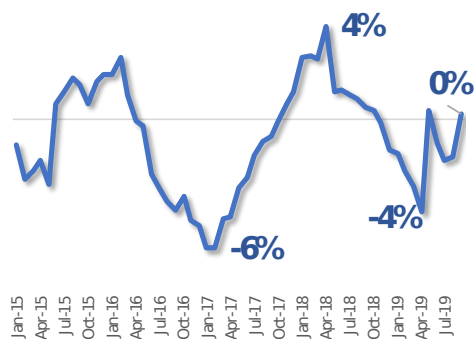
Fonte: IBGE

A queda da produção parece estar perdendo a força e esse movimento não foi acompanhado, ao menos com a mesma intensidade, pelo faturamento. O ciclo de retomada ocorreu logo depois do aumento da produção, em 2017 e durou até meados de 2018. Veja que tanto a queda anterior, em 2016 quanto o pico da retomada em 2018, foram menos intensos que o verificado na produção. Porém, de forma contrária ao verificado na produção, nos últimos meses verifica-se uma retomada do faturamento. O mesmo ainda está estável em 12 meses, mas reverteu a queda de 4% ao final de 2018.

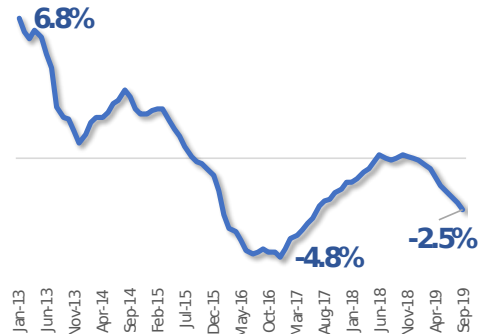
Indicadores Industriais do Setor de Borracha

(var % em 12 meses)

Faturamento Real



Emprego



Fonte: FIERGS

O movimento do mercado de trabalho no segmento de borracha acompanhou a produção, com início das contratações ainda em 2016 e fim desse processo em meados de 2018. O indicador de emprego da FIERGS mostra que há uma queda de 2,5% nos empregos no segmento nos últimos 12 meses, em linha com a retração da

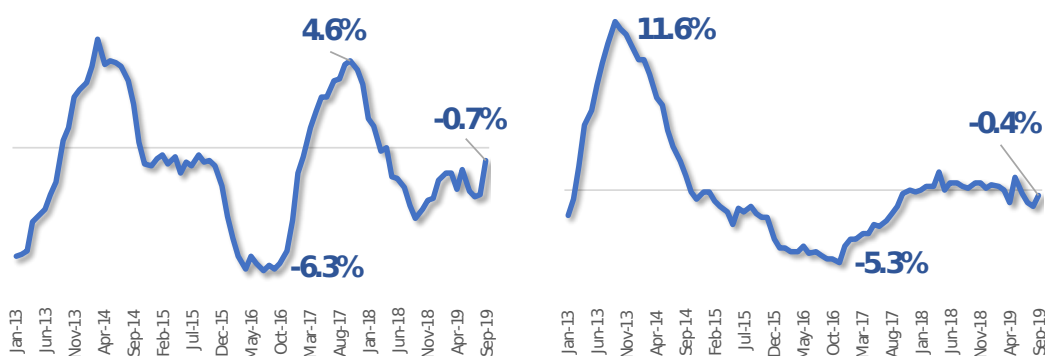
produção, mas um movimento contrário ao verificado no faturamento. Veja que as horas trabalhadas apresentam uma dinâmica recente distinta do indicador de emprego. Apesar da queda de 0,7% em 12 meses terminados em setembro de 2019, a mesma sinaliza tendência de melhora. Ou seja, o segmento parece que está, aos poucos, retomando as horas trabalhadas, mas esse movimento ainda não se refletiu nas contratações, algo que pode ocorrer ainda no primeiro semestre de 2020.

Indicadores Industriais do Setor de Borracha

(var % em 12 meses)

Horas trabalhadas

IDI



Fonte: FIERGS

A composição de diversos indicadores que medem a performance do segmento de borracha resulta no IDI – Índice de Desempenho Industrial. Analisando o mesmo podemos ver que, no agregado, a indústria da borracha do RS está em uma dinâmica estável há pelo menos dois anos. Considerando os resultados da pesquisa de confiança, que revelam que os empresários do segmento estão muito mais confiantes no cenário econômico atual e também nas expectativas, é natural imaginar que os indicadores possam apresentar melhora a partir dos próximos meses.

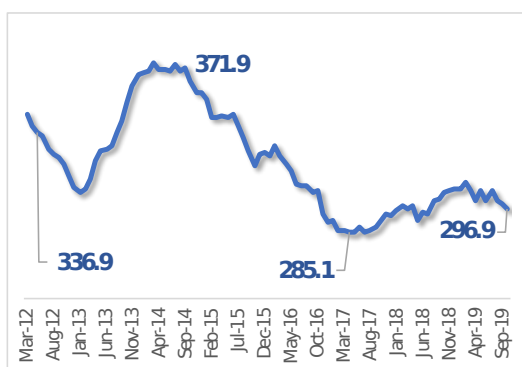
Boa parte da performance do segmento de borracha do Rio Grande do Sul pode ser explicada pelas exportações. Quando medida em dólares podemos ver que a mesma encontra-se ainda em patamar baixo, de US\$ 296 milhões em 12 meses terminados em

outubro de 2019. Um valor bem menor do que os US\$ 371 exportados ainda em 2014, momento imediatamente anterior a crise da Argentina e também ao início da maior e mais intensa recessão já vivida pela economia brasileira.

A conversão dessas exportações para o real usando a taxa de câmbio média do mês e deflacionando resulta em faturamento com exportações da ordem de R\$ 1,1 bilhão nos 12 meses terminados em outubro de 2019. Veja que esse valor é bem menor do que o obtido ao final de 2015, quando se alcançou os R\$ 1,3 bilhão com receitas de exportações. Destaca-se que essas foram impulsionadas pelo movimento da taxa de câmbio, uma vez que, em dólares, as exportações já estavam em queda.

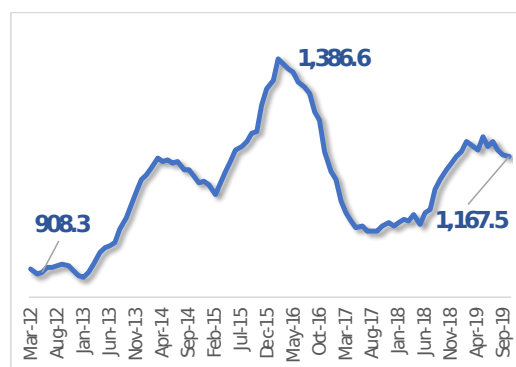
Exportações de Borracha e Plástico - RS

(Em US\$ milhões ac. 12 meses)



Fonte: SECEX/FIERGS

(Em R\$ milhões ac. 12 meses)



Fonte: SEC EX/FIERGS

Em resumo, podemos ver que o segmento de borracha do Rio Grande do Sul experimentou um momento cíclico de recuperação da produção, faturamento, exportações e geração de empregos que durou entre o final de 2016 e meados de 2018. Desde então é possível notar um arrefecimento de diversos indicadores, em linha com o observado também para o Brasil. O que se desenha para os próximos meses é uma continuidade desse processo, mas com tendência de reversão ainda no primeiro semestre de 2020, seguindo a recuperação da atividade econômica que já está em curso no Brasil.

6. PERSPECTIVAS 2019-2020

Os riscos no *cenário internacional* para o Brasil nesse final de 2019 e para o ano de 2020 permanecem quase os mesmos. De um lado, o endereçamento das soluções para a *Guerra Comercial* deve acontecer em partes, e não teremos a completa disseminação desse tema pelo menos até a *eleição presidencial americana* em novembro de 2020. Aliás, esse seria o segundo fator de risco a considerar e que não estava presente na análise de 2019, mas que deve gerar incertezas sobre o mercado americano e contaminar outras economias. O terceiro fator de risco se deve ao *Brexit*, mas esse vai, aos poucos, perdendo sua importância com a proximidade da decisão final em janeiro de 2020 e com o resultado do Pleito no Reino Unido que mudou a configuração das cadeiras no Parlamento pro Brexit. Destaca-se que a economia do Reino Unido já demonstra sinais de melhora econômica e sua saída do Bloco Europeu não deve comprometer sua performance.

O quarto fator de risco no cenário internacional, e que ganhou contornos recentemente, é a *Argentina*. A eleição que trouxe um partido com uma visão econômica diferente da anterior, deve aprofundar a crise no país vizinho e contaminar determinados setores da economia brasileira, com destaque para o metal-mecânico. Porém, destaca-se que boa parte dos problemas de relação comercial entre Brasil e Argentina ficou concentrado no ano de 2019 e pouco deve resultar para 2020. De qualquer forma, não deixa de ser um elemento a considerar nas análises econômicas.

Na publicação anterior, do início do ano, havíamos colocado uma estimativa para o *PIB do Brasil* em 2019 que estaria no intervalo de 0,8% e 1% e, ressalta-se, mantemos essa perspectiva com ligeira revisão para 1,1%. A única diferença com a visão anterior é que, antes, havíamos colocado que a retomada da economia não aconteceria ainda em 2019, dado o baixo crescimento projetado e, agora, estimamos que, apesar do baixo crescimento, a retomada já

ocorre em 2019, especificamente em setembro e durante o 4º trimestre, e devemos ter um ano de 2020 com uma expansão que será pouco mais do dobro da verificada em 2019.

No **Rio Grande do Sul** apontamos, no relatório anterior, que as maiores limitações de curto prazo para a economia em 2019 eram: i) problemas econômicos na Argentina; ii) cenário de risco Brasil; iii) limitações fiscais do Governo do Estado. Desses fatores acima, todos estiveram presentes durante o ano, mas o risco Brasil sobre a economia gaúcha deve se reduzir de forma significativa, ao passo que, o risco Argentina deve aumentar.

Mostramos como que a economia do Rio Grande do Sul já trilha um cenário de **desaceleração** que dura alguns meses e atinge, em especial, o setor industrial. Destaca-se que esse ajuste cíclico deve continuar em 2020, mas com a perspectiva de que, com um perfil de crescimento voltado para o investimento no Brasil, o setor de máquinas e equipamentos do Rio Grande do Sul seja beneficiado. Outro setor que se visualiza melhora seria a produção de alimentos. Revimos a projeção de crescimento da economia gaúcha do intervalo 0,9-1,2% em 2019 para 1,1-1,9%. Para 2020 as projeções são de desaceleração para um intervalo entre 0,9%-1,2%.